

Godllywood de Cristiane Cardoso: uma etnografia do “transreligioso”

DOI

[http://dx.doi.org/10.11606/](http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.137318)

2179-0892.ra.2017.137318

Roberta Bivar Carneiro
Campos e Alana Souza

🏠 Universidade Federal de Pernambuco | Recife, PE, Brasil

✉ robertabivar@gmail.com, alanasaleitao@gmail.com

RESUMO

Cristiane Cardoso, filha do Bispo Edir Macedo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), fundou e lidera um projeto de dimensão internacional chamado Godllywood cuja proposta é ensinar meninas e mulheres a se comportarem em sua vida cotidiana segundo “os preceitos de Deus”. Analisando esse projeto com base nos escritos de sua fundadora e em material etnográfico de um templo da IURD em Recife, este artigo discute o papel da liderança feminina e da mulher no pentecostalismo e, a partir do conceito de “transreligiosidade”, aponta para a difícil delimitação entre o religioso e secular bem como entre o público e privado.

PALAVRAS-CHAVE

Pentecostalismo,
liderança carismática
feminina,
transreligiosidade,
Godllywood,
secularismos.

INTRODUÇÃO

Este ensaio se propõe a analisar, a partir do caso de Cristiane Cardoso na Igreja Universal do Reino de Deus, o desenvolvimento de uma liderança carismática feminina em uma Igreja Pentecostal, a “glamourização” das práticas religiosas e a “transreligiosidade” presente nelas. A questão fundamental deste artigo é compreender como Cristiane Cardoso exerce sua liderança – reinventando-se como líder a partir de um lugar considerado comumente como subordinado na estrutura religiosa e familiar – e como assume a função de exemplo para muitas outras mulheres e meninas, sugerindo o papel da esposa do pastor como uma carreira religiosa, ou melhor, “transreligiosa”.

Apesar da compreensão religiosa pentecostal enfatizar o espaço doméstico-privado como o lugar natural da mulher na sociedade, esta mesma corrente religiosa traz a mulher para o espaço público ao oferecer possibilidade de atuação e de liderança nas igrejas, por exemplo, nos ministérios femininos. Todavia, mesmo diante do incentivo à participação das mulheres nas igrejas, a elas sempre foram concedidos cargos e ocupações mais tradicionais, sendo poucas as igrejas em que de fato alcançam o pastorado. É a partir das décadas de 80-90 que surgem “novas estruturas eclesiais” comandadas por mulheres (Costa e Ribeiro, 2011; Machado, 2005). Para compreender essa transformação, de acordo com Ferraz (2015), destacam-se dois fatores. O primeiro seria o crescimento do pentecostalismo, que forçou muitas igrejas de tradição protestante a repensar o antigo impedimento do pastorado feminino, fazendo inclusive surgir cada vez mais igrejas fundadas por mulheres e mulheres assumindo o pastorado em igrejas antigas e novas. O segundo fator está ligado a inserção das igrejas pentecostais na mídia, principalmente televisiva, com claro objetivo evangelizador. Esta estratégia expansionista acaba por criar mais espaços alternativos nas igrejas pentecostais para as mulheres. É assim que elas surgem como evangelizadoras, liderando programas de televisão. (Machado, 2005; Toledo-Francisco, 2002; Magalhães Filho, 2007; Ferraz, 2015).

Apesar de todas essas transformações, mediadas pelo crescimento do pentecostalismo e sua inserção na mídia, entendemos que pensar a liderança feminina nas igrejas exige que se contemple a categoria socioantropológica “família”. Campos (2011) argumenta que a família é parte da apresentação do *self* carismático do pastor. Um pastor, para ascender na hierarquia da igreja, precisa ser casado, contrastando com o catolicismo e trazendo assim para o cenário da liderança pentecostal a esposa do pastor, que vai ajudá-lo nos cuidados com o rebanho. A conjugalidade torna-se parte constitutiva fundamental do carisma do líder, sendo a exemplaridade do casal e da família do pastor um dos focos da pedagogia do carisma praticada em muitas igrejas pentecostais,

como observaram Campos (2011) e Teixeira (2012). É nesse sentido que famílias de pastores ganham evidência e destaque. Famílias inteiras passam a exercer liderança religiosa no cenário nacional e internacional, a exemplo das famílias brasileiras Valadão, Soares, Malafaia e outras. Dentro delas, as esposas e filhas de pastores se destacam como celebridades da fé (com programas televisivos, como cantoras de gospel, escrevendo livros de autoajuda etc.), como Elisete Malafaia, Ana Paula Valadão, Sonia Hernandez e Cristiane Cardoso (ver Campos, 2011; Ferraz, 2015).

Como já enunciado acima, este artigo foca na liderança de Cristiane Cardoso. Antes de centrarmos na análise de sua atuação, faz-se necessário uma breve apresentação de alguns dados sobre a igreja a que ela está ligada e sobre a trajetória desta líder. A IURD foi fundada em 1975, na época sob o nome de “A Cruzada do Caminho Eterno”, por Edir Macedo Bezerra, segundo os dados de sua biografia autorizada (Tavolaro, 2007). Edir Macedo é casado com Esther Bezerra com quem tem duas filhas, já adultas, e um filho adotivo ainda adolescente. Uma de suas filhas, Cristiane Cardoso, tem assumido a liderança das fiéis da igreja mundialmente.

Cristiane Cardoso, além de ser filha de Edir Macedo, é casada há mais de vinte anos com Renato Cardoso, também bispo da Universal, com que adotou um filho, seguindo o exemplo dos pais. Aos 43 anos, ela incorpora o ideal de mulher na IURD. Veste-se seguindo as tendências do momento, mas sempre adaptando seu estilo a crenças do que chama de “discrição” e “valorização de si mesma”. Seu cabelo possui luzes de tons claros e é cortado dentro da principal tendência dos últimos anos. Sua maquiagem ressalta seus olhos verdes e ela sempre está com suas unhas feita e pintadas.

Ela já escreveu e publicou dois livros, *Melhor que comprar sapatos* e *Mulher V* – além de *Casamento blindado* e *120 Minutos para blindar seu casamento* em conjunto com seu marido. Também possui um *podcast* e uma coluna semanal no jornal Folha Universal. Foi a principal apresentadora de um programa de televisão chamado “Coisas de Mulher”, e hoje estrela com o seu marido o “Escola de Amor”, veiculado diariamente na Record. Seu público alvo são casais que desejam aprender o modo correto de desenvolver um relacionamento, que Renato e Cristiane Cardoso parecem personificar. Contudo, através dos telefonemas, e-mails e *twitters* que o programa recebe, é possível saber que também solteiros procuram esses ensinamentos, talvez vislumbrando a própria entrada no “mercado de casamento”.

Cristiane Cardoso também é fundadora do grupo Godllywood¹. O Godllywood é um grupo voltado para as mulheres fiéis da IURD e é dividido por faixa etária e especificações dentro delas: *Godllywood Girls* é para as mais jovens e é subdividido entre *lindas* (meninas entre 6 e 10 anos) e *queridas* (meni-

¹ Jacqueline Moraes Teixeira (2012; 2014) possui trabalhos que pensam o Godllywood, mas com outro foco – a percepção que alguns líderes têm da legalização do aborto e a importância do uso das mídias para difundir os conhecimentos do grupo. Souza (2013) também possui monografia sobre o mesmo grupo.

nas entre 11 e 14 anos); o *Sisterhood* é dividido entre *dóceis* (meninas entre 15 e 19 anos) e *graciosas* (jovens entre 20 e 25 anos); o *Mulher V* é para mulheres a partir de 26 anos e é subdividido entre *Rutes* (mulheres solteiras), *Esters* (mulheres casadas), *Déboras* (esposas de pastor) e *Rebecas* (noivas de pastor). Os nomes dos subgrupos do *Mulher V* fazem referências a personagens femininas bíblicas consideradas exemplares e o próprio nome *Mulher V* faz referência a uma passagem da Bíblia na qual se descrevem as qualidades e responsabilidades de uma mulher virtuosa – que também inspirou o título de um dos livros da Cristiane Cardoso. Além destes grupos presenciais, também foi criado no último ano o *Godllywood autoajuda*. Neste grupo, tarefas e ensinamentos são passados através de *blogs*, e qualquer mulher – independente da idade, ou vínculo com a igreja – pode participar.

A criação do Godllywood ocorreu em Houston, no Texas – onde Cristiane Cardoso trabalhava juntamente com Evelyn Higginbotham –, inspirado nas *sororities* das universidades norte-americanas, e sendo chamado de *Sisterhood*. O seu objetivo inicial era ensinar os preceitos do que é ser “uma mulher de Deus” para adolescentes e jovens, através de tarefas e de um acompanhamento próximo por uma *big sister*², papel exercido por Higginbotham e por Cardoso inicialmente. A faixa etária escolhida, naquele momento, estava ligada ao fato de que Cardoso se dizia preocupada com a vulnerabilidade que essas meninas demonstravam na adolescência e início da juventude, especialmente com o número de grávidas entre adolescentes – a atuação restrita aos EUA naquele momento estava ligada ao fato de que esse era o país no qual Cardoso atuava. Contudo, as leitoras do *blog* de Cristiane Cardoso³ na época passaram a perguntar sobre a existência do grupo em outras localidades e, paralelamente, as vendas de seus livros passaram a crescer. Assim, o grupo foi ampliando a faixa etária de atuação e sendo instalado primeiramente nos principais templos de cada país e depois também se expandido para outras localidades nas quais a IURD já tinha atuação. Atualmente o Godllywood está em 55 países, possui 665 *big sisters* e mais de 50 mil integrantes.⁴ O grupo surge, se fundamenta e é reformado com base nas necessidades das fiéis, o que mostra a plasticidade e capacidade de adaptação da IURD e do próprio Godllywood. Nas palavras de Cristiane: “Me sinto privilegiada por fazer parte de Godllywood. Fiz amizades que até hoje tenho. Foi Deus que inspirou a Cristiane a criar o Godllywood, pois é uma benção aonde ele chega”.⁵

Os objetivos desta pesquisa foram atingidos por meio do acompanhamento das mídias utilizadas por Cristiane Cardoso, pelo Godllywood e pela própria IURD para chegar às fiéis – como *blogs*, livros e programas de televisão – como também através de uma pesquisa *in loco* em um dos templos da Igreja Universal do Reino de Deus em Recife. A pesquisa de campo *in loco* foi realizada no principal templo desta igreja em Recife, Pernambuco, localizado na Av. Cruz Cabugá,

2 Uma *big sister* é uma esposa de pastor, ou uma integrante do Godllywood mais velha, responsável por acompanhar outra integrante em questões “espirituais” e pessoais. É interessante constatar a dimensão geracional dessa prática, meninas e mulheres mais jovens são guiadas pelos conselhos e direções de outras que já passaram pela mesma fase da vida. Além disso, o Godllywood também nos lembra o estudo de Mahmood (2005) entre mulheres pietistas no Cairo no qual ela afirmou ter encontrado mulheres ensinando outras mulheres e que isso em uma religião que muitas vezes restringe o poder da fala aos homens é empoderador. A nomenclatura *big sister* também é utilizada nas *sororities* das universidades norte-americanas para designar as meninas que são responsáveis por novas integrantes e ensinar a elas as regras de convivência e comportamento na participação do grupo (ver Souza, 2013).

3 Ver <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/>.

4 As informações sobre o grupo discutidas nesse parágrafo são afirmadas oficialmente pelo grupo em vídeo disponível no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=b_RwDUF6nk.

5 Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2016/07/31/mais-que-um-grupo-37344.html>. As citações de escritos feitos em blogs ou sites serão referenciadas em notas de rodapé. As citações a trechos de livros de Cristiane Cardoso acompanharam o mesmo modelo de citação de outros livros. Já as falas colhidas durante pesquisa de campo *in loco* serão acompanhadas dos dados de quem a preferiu no próprio texto.

e conhecido como Cenáculo da Fé. O trabalho de campo no Cenáculo da Fé de Pernambuco ocorreu entre o segundo semestre de 2011 e o primeiro de 2012⁶. A observação dos meios midiáticos, começou meses antes do início da pesquisa de campo *in loco* e se estende até os dias de hoje. Nesse sentido, temos analisado a performance desta líder via TV e acompanhado seu discurso através das publicações em seu *blog* e dos seus livros, como também acompanhamos as reações de seus seguidores.

LIDERANÇA CARISMÁTICA FEMININA

É de fundamental importância a análise de como se desenvolve a liderança carismática feminina de Cristiane Cardoso, que se tornou líder de uma igreja pentecostal que não aceita mulheres como pastoras, e como sua liderança torna-se proeminente a outras, como a da sua mãe, da sua irmã e das demais esposas de pastores. O primeiro ponto a expor neste sentido é que, apesar da impossibilidade de uma mulher se tornar pastora, a liderança de Cristiane Cardoso é apoiada institucionalmente. Como já foi comentado por Ari Pedro Oro (2003) sobre a liderança pentecostal brasileira, o carisma dos líderes dessas igrejas pode ser pessoal ou institucional. O carisma institucional é expresso por quem está ocupando um determinado cargo ou representa uma determinada instituição, porém não é inerente a esta pessoa e sim ao cargo ou instituição. O carisma pessoal é uma capacidade excepcional, e assim conferida pelos seguidores, do líder que a detém.

No que tange à Igreja Universal, o carisma encontrado nela, na percepção deste autor, seria principalmente o institucional. Contudo trabalhamos aqui com a ideia de que ambas formas de carisma podem coexistir em uma única liderança. No caso aqui estudado, a liderança de Cristiane Cardoso é amparada por seu casamento com um bispo da igreja. A partir da pesquisa etnográfica, podemos constatar que ser esposa de pastor na IURD é assumir um cargo. Uma esposa de pastor é responsável pela comunidade feminina da igreja na qual seu esposo atua. No principal templo de Pernambuco, foi possível encontrar às terças-feiras, a partir das 18hs, os pastores e as esposas de pastores atendendo os fiéis que assim desejassem. Cristiane Cardoso, assim como todas as esposas de pastor, assume a responsabilidade de ser um exemplo e prestar auxílio às fiéis. Contudo, diferente das outras esposas de pastores, menos notáveis, ela faz isso a nível mundial, para toda a comunidade feminina da IURD.

Além de ser casada com um bispo da IURD, Cristiane Cardoso é filha de Edir Macedo, principal fundador da Igreja Universal. Ela é mais um caso, dentro do mundo evangélico pentecostal, de uma liderança religiosa que se constitui a partir, mas não unicamente, de uma linhagem carismática baseada em laços

6 O trabalho de campo contou com uma bolsa de iniciação científica ligada à pesquisa de produtividade do CNPq de uma das autoras. As pesquisadoras não tiveram problema em sua inserção no campo e contaram com anuência da direção da igreja para realizar a pesquisa, que restringiu apenas o uso de máquinas fotográficas e gravadores. As visitas mais frequentes foram feitas pela bolsista de iniciação científica na época. Todas as pessoas que foram entrevistadas ou participaram de conversas informais sabiam do objetivo da pesquisadora.

de parentesco, como Campos (2012) chama atenção. Cristiane pôde observar de perto a atuação de seu pai e de sua mãe, Esther Bezerra, assim como de outros líderes da igreja.

Através da proximidade e inserção entre grandes lideranças podemos perceber o desenvolvimento do carisma por apreensão em conformidade com a teoria de Bourdieu (2007), para quem o carisma é construído por um capital religioso resultado do aprendizado externo e que depende do lugar que o indivíduo ocupa na sociedade. Bourdieu também destaca o fato de que o campo religioso é um campo de disputas, no qual os sacerdotes exercem o “monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão do mundo dos leigos” (Bourdieu, 2007: 88). Neste sentido, podemos ver que esta família tem, dentro desta igreja, e em certa medida, o poder de influenciar a visão de mundo de seus fiéis em questões religiosas e cotidianas. Apesar desta influência, não podemos negar que, no caso da IURD, o fiel encontra margem para o que Clara Mafra (2000) chama de “conversão minimalista”. Esta expressão é utilizada por esta autora para pensar sua hipótese de uma conversão na qual a negociação sobre o que deve ser aceito e o que deve ser recusado ocorre em um processo de diálogo entre o indivíduo e o imaginário cosmológico da instituição, abrindo margem para nuances e ambiguidades. Mafra, Swatowski e Sampaio (2012) ainda desenvolveram a ideia de “autonomia tutelada”, argumentando que a IURD cultiva o individualismo entre os fiéis, mas de forma tutelada.

Ainda pensando a questão da liderança carismática, Geertz (1997), em seu texto “Centros, reis e carisma”, nos mostra que um líder carismático está próximo do centro ativo da ordem social. O carisma é sinal de envolvimento com os centros que dão vida à sociedade. O que demarca o centro é um conjunto de símbolos, ou seja, histórias, cerimônias, insígnias, formalidades e pertences que as elites, que estão no centro, herdaram ou inventaram. No caso aqui analisado a proximidade ao centro fica clara, Cristiane Cardoso faz parte da família do fundador da IURD. Ela tanto segue um conjunto de comportamentos já apregoados pelo cristianismo, como também cria novos símbolos que a distinguem das demais mulheres. Sua produção conduz a mulher pentecostal a uma estética de glamourização, na qual o “*fashion*” é entendido como sinal da relação interior e direta com Deus. Estar na moda, bem vestida ou *fashion* tornam-se símbolos da mulher iurdiana, uma mulher virtuosa.

Em “O profeta, a palavra e a circulação do carisma pentecostal”, Campos (2011) destaca a necessidade de pensar as diferentes formas de circulação do carisma – as formas nas quais ele é transmitido, consumido, apreendido e compartilhado – para melhor compreendê-lo. Apesar de não negar carisma como dominação, a autora o aborda como performance, para assim entender a capa-

cidade do líder de se mostrar como exemplar. Nesse sentido, nos é aqui necessário entender como Cristiane Cardoso se torna exemplar e, assim, utilizaremos as três direções de circulação do carisma destacadas por Campos para melhor refletir sobre a liderança aqui analisada.

Como nos argumenta Campos (2011), a primeira forma de circulação do carisma seria sua *comodificação*. Isso significa que é possível empresariar o capital carismático, ou seja, sua comodificação é feita através de conferências pagas, programas de TV, livros, etc. Isto permite que o líder carismático rompa barreiras geográficas e institucionais, transformando-se em “celebridade de fé”. Essa percepção de Campos (2011) faz sentido para pensar a liderança aqui analisada. Cristiane comodifica seu carisma por meio de livros, programas de TV (“Coisas de Mulher”, “*The Love School*”) e conferências pagas – como o curso para casais ministrado por ela e seu marido. O que a ideia de comodificação nos traz de importante é que os “produtos” disponibilizados pelo líder assumem um duplo efeito de reforçar a exemplaridade do líder e possibilitar que outros aprendam a assumir esse carisma, criando uma cadeia ritual e emocional de mimetização dos grandes líderes por outros menores.

A segunda forma de circulação do carisma seria como capital simbólico através dos nomes de família do líder carismático (Campos, 2011). Como discutimos acima, podemos perceber na IURD que o carisma de Edir Macedo circula e se transmite entre seus familiares. Não apenas no caso de Cristiane Cardoso, que é quem tem mais se destacado, mas também sua outra filha, sua esposa e seus genros.

Inicialmente, acreditamos que a transmissão por linhagem de parentesco e a comodificação midiática eram os principais canais de circulação do carisma de Cardoso. Contudo, desde a sua volta para o Brasil – Cristiane e seu marido Renato haviam passado muitos anos em países como EUA, África do Sul e Inglaterra – podemos ver a efetivação da terceira forma de circulação do carisma, ou seja, através de *canal energético e corporal entre o líder e os fiéis*. Campos (2011), apoiada em Joel Robins (2009), destaca a necessidade do líder de estabelecer esse canal com os fiéis, para que haja a confirmação da sua autoridade. Cristiane preside semanalmente reuniões no Templo de Salomão, sozinha ou acompanhada do marido. Estas reuniões são assistidas e replicadas em outras partes do país. Além disso, ela também vai a diferentes templos, falar diretamente com as fiéis em grandes reuniões ou com as esposas e obreiras locais, para que estas possam replicar sua mensagem. Assim, suas ações se encaixam no modelo de Campos (2011), no qual o líder compartilha seu carisma consolidando-o, ou no sentido weberiano, rotinizando-o, mas também possibilitando a criação de novos líderes.

Essa última forma de circulação do carisma é a primeira pista para entender o que faz com que Cristiane Cardoso se destaque de sua mãe, Esther Bezerra, e irmã, Viviane Freitas. Afinal ambas também são casadas com bispos da igreja, o

que apoia institucionalmente suas lideranças. Sua irmã também teve a possibilidade de observar de perto outras lideranças carismáticas. Ambas, assim como Cristiane, possuem *blogs* e programas de TV e rádio, e Esther Bezerra também já publicou um livro, o que possibilita a circulação do carisma entre elas e as fiéis da igreja.

Além da criação de um canal energético e corporal com os fiéis, outro ponto de diferenciação entre Cristiane Cardoso e suas parentes mais próximas é a fundação do Godllywood. O objetivo de Cristiane, em suas próprias palavras, era o seguinte:

Assim como Hollywood tem usado seus poderes para degradar a nossa sociedade, nós podemos usar o poder que Deus tem nos dado, Seu Espírito, para guiar moças a uma sociedade diferente. Se as moças são ensinadas a serem mulheres de Deus, então a sociedade terá mães, filhas, companheiras de trabalho, famílias e MULHERES melhores, que valorizam as coisas boas da vida. Moças que se guardam até o casamento, que sabem como cuidar de uma casa e também seguir uma carreira, que não estarão seguindo as sexy e ruins tendências da moda, e sim as direções de Deus.⁷

Nos termos já utilizados por Ari Pedro Oro (2009), podemos perceber este percurso como “empreendedorismo carismático” da própria Cristiane Cardoso. Ela faz com que seu carisma chegue às fiéis, administrando-o de modo empreendedor. Esta qualidade empreendedora é uma das que a distingue das demais esposas de pastor.

Portanto, podemos perceber em Cristiane Cardoso uma qualidade, senão no sentido estrito de religiosidade apontada por Simmel (2010), certamente de “transreligiosidade”: ela é capaz de produzir uma linguagem entre as fronteiras do religioso e do secular que é significativa e eficaz. Além disso, suas ações estão dentro do que já era considerado estritamente correto na doutrina desta comunidade religiosa. Nota-se ainda que a conduta desta líder não só inspira as meninas e mulheres batizadas e pertencentes à comunidade religiosa da IURD, mas também outras sem vínculo forte com a igreja, como é possível ver no relato de uma leitora do *blog*: “Não sou evangélica, não vou à igreja com frequência, mas procuro sempre acompanhar seu *blog*, que tem me ajudado imensamente”⁸.

É a partir de demandas como essa que Cristiane Cardoso sentiu a necessidade de criar o *Godllywood autoajuda*. Nele, mulheres que não precisam ser fiéis ou frequentadoras da IURD são convidadas a realizar “desafios” com o objetivo de melhorar suas vidas. Os desafios não são uma categoria restrita ao *Godllywood autoajuda*, e fazem parte do repertório do grupo desde o início do Godllywood, ainda no Texas. O termo é utilizado para designar tarefas que as participantes devem cumprir com o objetivo de “melhorar a si mesmas” e “se aproximar de

7 Disponível em:
http://cristianecardoso.com/pt/?page_id=765.

8 Disponível em:
<http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/a-mulher-v-ao-termino-do-amor/>.

Deus”. Jacqueline Moraes Teixeira (2014) já havia apontado a dimensão pedagógica que esses *desafios* assumem. Em sua concepção, dentro do Godllywood o corpo é um instrumento a ser educado através de suas normas e ensinamentos, objetivando levar a integrante e sua família à prosperidade. Essa pedagogia se daria por meio dos desafios, pois eles seriam modeladores e motivadores de práticas exemplares – no caso aqui, Cristiane Cardoso é entendida como a principal referência dessa exemplaridade (ver Campos, 2013).

Cristiane Cardoso, segundo seus relatos em seu *blog*, casou-se virgem aos 17 anos com seu primeiro namorado. Ela diz que sempre pediu a Deus para casar nesta situação com um “homem de Deus”, ou seja, um rapaz que fosse ou pretendesse tornar-se pastor. Ao contar essa história, ela salienta ter sacrificado uma joia em uma “campanha da fogueira santa”⁹ quando tinha 14 anos para que fosse escutada por Deus. Sempre fez parte da igreja, mas ressalta o momento em que foi batizada pelo Espírito Santo. Em suas próprias palavras: “Eu somente conheci a Deus de verdade aos meus 15 anos e tenho que dizer que eu mudei desde então, como se eu finalmente tivesse me encontrado”.¹⁰ Afirma desde criança “enfrentar dificuldades” para fazer a obra de Deus, e destaca que quando passou a morar nos Estados Unidos e, mesmo sem ainda saber falar a língua inglesa corretamente, aproveitou a oportunidade de um trabalho escolar com tema livre para falar sobre a existência de pessoas “possuídas” pelo demônio e da importância de procurar a IURD para se livrar daquele mal. Além destas características de grande importância no meio pentecostal, com destaque para a correção moral, disciplinamento do corpo e a capacidade de sacrificar bens materiais em nome de Deus, Cristiane Cardoso está dentro dos padrões de beleza socialmente exaltados – é branca, magra, tem cabelos loiros, se veste de acordo com a moda – e se mostra como uma “mulher múltipla” que pode se dedicar a um trabalho, em seu caso o de esposa de pastor, cuidar dos afazeres domésticos, cuidar de si mesma esteticamente, e manter o seu relacionamento com Deus estreitamente.

⁹ Na campanha da fogueira santa os fiéis da IURD oferecem “sacrifícios financeiros” e escrevem um pedido que é colocado em um envelope e levado por bispos e pastores para o Monte Sinai. O sacrifício seria um grande esforço dentro das condições financeiras de cada fiel para conseguir, ao realizá-lo, chamar a atenção de Deus. O nome da campanha faz referência a passagem bíblica e a crença entre os fiéis é que, quando o pedido é levado até um lugar considerado santo e o sacrifício financeiro é grande, mesmo os desejos mais difíceis serão atendidos por Deus.

¹⁰ <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/biografia/>

AS FIÉIS

Para nós é de fundamental importância a análise de quem são as fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus, para entendermos como se constitui o quadro aqui estudado. A audiência do *blog* de Cristiane Cardoso e do programa televisivo, “Escola do Amor” que ela apresenta junto com seu marido é muito significativa neste sentido. É de grande recorrência que os comentários deixados pelas fiéis sobre os textos postados e os *twitters* enviados ao programa exaltem a importância desta líder para elas. Ao mesmo tempo, esses comentários assumem a forma de agradecimento por uma maior percepção de si mesmas e pelo suprimento de necessidades que já existiam em suas vidas: “Muito forte essa palavra.

Obrigada por estar em nossas vidas”¹¹.

Outra importante característica dessas fiéis é que, como já constatado em outros estudos (Campos, 1995; Mariz e Machado, 1994), nem sempre a mulher que se converte à IURD é seguida pelo seu marido. Ao contrário, muitas vezes sua conversão é contrária à vontade dos maridos. Assim as mulheres, que são o grupo majoritário nesta igreja, possuem a necessidade de um esclarecimento quanto ao modo como seu casamento deve ser conduzido dentro dos moldes considerados corretos por sua denominação religiosa, mesmo que seu marido não seja convertido (Campos, 1995). Além disso, o casal líder demonstra o modelo ideal, ou seja, marido e mulher convertidos e trabalhando juntos na “obra de Deus”. No sentido de como as mulheres devem agir em relação à mudança no convívio com seus maridos, as palavras de Cristiane abaixo são bastante significativas:

E não é que a gente pensa mesmo que pode mudar o filho, a irmã, o namorado ou o marido?! (...) Seu marido só vai mudar o dia em que ele quiser mudar. O que você pode fazer é inspira-lo a mudar através da sua própria mudança. Se torne uma esposa melhor e aprenda a usar o amor inteligente.¹²

O número superior de mulheres na igreja Universal do Reino de Deus, em relação ao de homens, é um dado que utilizamos em entrevistas para entender a opinião das fiéis quanto a questões de gênero. De modo ilustrativo, segue o depoimento de uma fiel e de uma esposa de pastor quanto ao assunto. Argumenta a fiel: “Toda mulher no fundo sabe que é dependente e se sente desamparada. Quando ela vem pra igreja, ela descobre que esta dependência é a Deus e que Ele aceita ela do jeitinho que ela é” (C., 20 anos, Cenáculo da Fé de Pernambuco). A mesma fiel disse em sua fala que os homens teriam mais dificuldade de aceitar a presença e a submissão a Deus em suas vidas, pois para eles tudo seria resolvido através da força física, enquanto que a força das mulheres seria a sentimental e a emocional. Quando questionada sobre o mesmo assunto, a presença majoritária das mulheres entre os fiéis da IURD, uma esposa de pastor respondeu que um dos motivos seria a existência de mais mulheres que homens no mundo. Dando prosseguimento ao assunto, levantamos uma questão acerca do fato de que as mulheres não podem atualmente ser pastoras na IURD. Ela respondeu:

Uma mulher é muito atarefada, ela tem muitas funções pra desempenhar. Por isso seria difícil assumir todas essas responsabilidades e ainda ser pastora. E pra servir a Deus no altar não é preciso ser pastora, você faz isso como esposa de pastor (R., 40 anos, Cenáculo da Fé de Pernambuco).

¹¹ Disponível em:
<http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/obrigada/>.

¹² Disponível em:
<http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/jeitinho-feminino-de-ser/>.

As falas trazidas acima nos mostram que estas mulheres percebem em si mesmas submissão e deveres ligados ao âmbito doméstico, mas que tudo isto está dentro de sua servidão a Deus. As mulheres são descritas como mais espiritualizadas, mais próximas dos desígnios divinos pelo simples fato de serem mulheres. Se por um lado elas se colocam dentro de um sistema que divide o que é do âmbito feminino e o que é do âmbito masculino, por outro lado ser mulher é visto como algo positivo; é ter maior facilidade de reconhecer o poder de Deus e de se colocar em uma posição de servir a Ele, garantindo o que para este grupo é mais importante, sua salvação e o poder de salvar sua família. A mulher assume o lugar da mediadora entre o secular e o sagrado, capaz de pedir por seus filhos e maridos não convertidos, como já observou Birman (1996).

É principalmente através das mídias que Cristiane Cardoso explora o exposto acima. Ou seja, argumenta acerca da necessidade da mulher se submeter aos desígnios de Deus. Além disso, ela também destaca a necessidade da mulher se submeter ao marido como uma das formas de servir à vontade divina. Contudo, ela destaca que essa submissão ao marido não significa que a mulher não seja importante ou que ela deva se sujeitar a uma relação degradante e que “coloque em risco sua fé”. Nas palavras da própria Cristiane Cardoso:

Quando Deus criou o casamento, a intenção d’Ele era de estabelecer o homem como autoridade para que este pudesse cuidar da mulher, e não inferiorizá-la. (...) Submeter-se não significa tornar-se escrava ou capacho, mas, sim, permitir que nossos maridos tomem a decisão final (Cardoso, 2011: 221-223).

Em um *post* mais recente no *blog* de Cristiane Cardoso escrito por uma de suas colaboradoras, Evelyn Higgbotham, há novamente um destaque para a necessidade da submissão da mulher ao homem.

Não deixe que ninguém lhe engane fazendo-a pensar que uma mulher que permite que um homem lidere se torna menos gente. Não pense que mostrar respeito aos homens por suas qualidades dadas por Deus diminui você. Não pense em forçar os homens em sua vida a se sentirem envergonhados por serem masculinos, ou pararem de tratá-la com respeito e gentileza por você ser do sexo feminino (Evelyn Higgbotham, 06 de Janeiro de 2017).¹³

Alguns dias depois, no texto “Como é um casamento feliz?”, no mesmo *blog*, a própria Cristiane explorou um pouco mais o assunto:

Nem tudo é feito do meu jeito, e nem por isso sou anulada, pelo contrário! Gosto de saber que o meu marido está à frente, que ele toma a decisão final – isso me passa a

13 <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/seraque-devemos-treinar-nossos-meninos-para-serem-meninas/>.

segurança de que tenho um protetor e um cuidador, um verdadeiro marido. Odiaria me sentir o cabeça da relação! (Cristiane Cardoso, 17 de Janeiro de 2017).¹⁴

Além da submissão feminina, podemos ver aqui que algo que é considerado pelo senso comum como pertencente ao universo feminino é interpretado por esta líder como parte do papel masculino: o cuidado. Em uma cultura extremamente machista e violenta contra as mulheres, tal como é como a brasileira, Cristiane Cardoso, apesar de reforçar a submissão feminina, contesta sua inferiorização e a violência masculina. “A mulher virtuosa” seria submissa aos desígnios de Deus, porém cuidada por seu marido. Como já apontado por Elizabeth Brusco (1995) em outra comunidade pentecostal, na IURD também se desenvolve uma “reforma de machismo”. A misoginia e a ideia da submissão feminina continuam presentes, mas agora a mulher é empoderada a partir de sua proximidade com Deus e se torna digna de cuidado e atenção por parte de seu marido. Mariz e Machado (1994) também já haviam apontado algo similar. Segundo estas autoras, o pentecostalismo dá base às “lutas de pequeno alcance” das mulheres. Ou seja, o pentecostalismo valoriza a família e restringe o poder indefinido que antes o marido tinha sobre a mulher, além de criticar o consumo do cigarro e da bebida. Todos estes elementos, juntamente com a crença de que quem “aceitou a Jesus” possui a “salvação” – que é o mais almejado por este grupo –, aumentam o poder das mulheres que se convertem ao pentecostalismo dentro de sua família.

Outro ponto que aparece como importante para as fiéis, e que é estimulado por Cristiane Cardoso, é o cuidado estético com o próprio corpo – aproximando o grupo de valores da sociedade mais ampla e não apenas da comunidade religiosa. Aqui ocorre o movimento de incorporar na sacralização do feminino a dimensão sensível, do sensual, glamourizando a forma de ser evangélica, de ser pentecostal. É constante no discurso das fiéis expressões como “Eu sou mulher, preciso me cuidar”. Em uma conversa informal, uma jovem chegou a afirmar: “É muito feio uma mulher sem maquiagem, parece uma assembleiana” (G., 17 anos, Cenáculo da Fé de Pernambuco). Nas palavras da própria Cristiane Cardoso:

Não é porque sou uma mulher discreta que tenho que me vestir de forma cafona, nem porque sou uma mulher de fé que tenho que aderir a “moda evangélica”. Por que não ser discreta, de fé, feminina, moderna e elegante também?¹⁵

Em consonância com tal discurso, é possível encontrar no *site* de Cristiane Cardoso uma seção textos sobre “beleza”, “saúde e *fitness*”, “casa”, entre outros. Sempre entre as fronteiras do profano e do sagrado, e muitas vezes assumindo o lugar de mediadora entre essas dimensões, Cristiane oferece uma imagem alterna-

14 Disponível em:
<http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/como-e-um-casamento-feliz/>.

15 Disponível em:
http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/lookdacris_a_la_sage/.

tiva para as pentecostais àquela ligada ao estereótipo da pentecostal “fora de moda” – saias jeans abaixo do joelho, coques no cabelo, sem usar maquiagem ou fazer as unhas. Na visão apregoadada na IURD e por esta líder, a mulher deve ser submissa ao deixar o marido ser aquele que toma as decisões finais, porém ela é cuidada por ele e também por si mesma.

A GLAMOURIZAÇÃO DA FÉ

No *site* do Godllywood é possível encontrar a seguinte explicação: “Godllywood nasceu de uma revolta sobre os valores errados que a nossa sociedade tem adquirido através de Hollywood”. O nome do Godllywood surge da junção das palavras *God* (Deus) e Hollywood. Com isso, sugere-se que dentro de seu grupo religioso, essas mulheres são as verdadeiras mulheres admiráveis, não só pela sua proximidade com Deus, mas também pela sua aparência estética. Essa posição, assim, é indicada como a verdadeiramente glamourosa – em oposição àquela das “artistas de Hollywood”.¹⁶

Cristiane Cardoso parece trazer para o cenário pentecostal a ideia da mulher “glamourosa” e “chique” e que é ao mesmo tempo boa dona de casa. Ela incorpora o ideal da mulher “bela”, “feminina”, “respeitável” e comprometida com os “valores familiares”. Contudo, o mais importante é constatar que estes se tornam os ideais da mulher cristã, dentro da lógica da IURD. Esta mulher glamourosa é a mulher que dedica sua vida a Deus. Estes valores descrevem a dedicação da vida à “obra de Deus” como algo bonito. No entanto, este belo não é o da tradição católica, na qual o sofrimento e a fragilidade feminina são seus principais aspectos (ver Campos, 2013). A beleza expressa por estas mulheres da IURD está no fato de que elas se mostram fortes – pois, dentro desta lógica, a sua proximidade com Deus garante segurança e poder –, posto que são (ou devem buscar ser) ativas e esteticamente enquadradas nos valores da sociedade mais ampla.

Interessante notar que não é apenas Cristiane Cardoso quem tem mostrado o glamour e o valor do âmbito doméstico e do feminino. Muitos programas de culinária sem qualquer ligação religiosa parecem fazer o mesmo movimento, como os da Nigella Lawson (apresentadora e jornalista britânica que possui programa televisivo sobre culinária). Este programa aparece aqui como exemplo de uma estética que ressalta valores ligados ao âmbito doméstico como deslumbrantes e “*chic*” e tem aparecido na mídia sem ter qualquer ligação com uma moral religiosa. Entendemos que a submissão não é a tônica dos programas, porém é possível notar tanto nesses programas como na atuação de Cristiane Cardoso um cenário mais amplo de enaltecimento ao doméstico e ao feminino, que se constitui em empoderamento, ao qual a IURD parece estar muito bem sintonizada.

16 A categoria glamourização, apesar de não ser uma categoriaêmica, é inspirada nessas explicações do surgimento do Godllywood e nas falas de Cristiane Cardoso, nas quais ela afirma a necessidade da mulher ser elegante e que isso demonstraria em seu exterior a sua “construção interior” e “proximidade de Deus”. Ver: http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/lookdacris_a_la_sage/ e http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/vestindo_uma_adolescente/.

Neste sentido, também podemos estabelecer uma comparação entre a carreira da esposa de pastor e o papel assumido pelas primeiras-damas, especialmente a popularidade encontrada por Michele Obama em seu país e no mundo. Michele Obama se realiza como materialização do ideal da mulher competente e que se sobressai em sua própria carreira, mas também uma esposa e mãe dedicada, que sempre aparece em público bem vestida. Assim como no caso da esposa de pastor, ela deixa a própria carreira para assumir e se dedicar aos papéis de esposa e de mãe, que também incluem cuidar daqueles aos quais o marido lidera (no caso da primeira-dama, a população do país e, no caso da esposa de pastor, os fiéis da igreja) especialmente no que tange a assuntos ligados às mulheres. Em tais posições de liderança, essas mulheres dão exemplo e incentivam as outras a serem autônomas e bem-sucedidas – cada uma ordenando suas vidas dentro das hierarquias de valores das comunidades as quais pertencem. Tomando, portanto, o exemplo de Cristiane Cardoso e esses últimos exemplos seculares, percebemos que a ideia de submissão sofre deslocamentos significativos, e a mulher ganha visibilidade e se empodera a partir do espaço doméstico e não na sua negação ou abandono.

Aquilo que até então foi considerado feminino e, por isso, muitas vezes desvalorizado também passa a ser engrandecido e sinônimo da mulher ideal, na perspectiva desta forma de religiosidade: cozinhar, limpar, cuidar dos filhos e do marido e ainda ser ativa na igreja e no relacionamento com o divino. Esse é o comportamento mostrado como correto e alcançável para uma “mulher de Deus”. A mulher não somente é valorizada, como já mostrado anteriormente, ela é empoderada pela sua capacidade de ter um relacionamento próximo com o divino.

Todavia, o que merece destaque aqui é que este comportamento ligado ao âmbito doméstico não é apenas valorizado, mas apresentado como glamouroso. Deus e a religião podem ser tão glamourosos quanto Hollywood, é isso que o nome do Godllywood nos diz. E também é isso que a forma de se portar e vestir que as meninas e mulheres que fazem parte do Godllywood nos transmitem. Vestidos, salto alto, cabelo arrumado, unha feita, maquiagem e um corpo esguio e firme. Tudo dentro das atuais tendências da moda, porém passado por uma reforma segundo os valores do grupo. As calças jeans não são usadas nas reuniões da igreja, os ombros e o colo não ficam amostra simultaneamente, o comprimento das saias não é curto.

Birgit Meyer (2010) refere-se a “*sensational forms*” para descrever os modos específicos, autorizados pela instituição religiosa, de evocar e organizar o acesso ao transcendental, formando o conteúdo e as normas da religião. Basicamente, são parte de uma estética que governa o compromisso do humano com o divino, e vice-versa, gerando uma sensibilidade específica. Esse conceito nos parece bastante importante para entender o comportamento feminino dos membros da IURD,

principalmente entre aquelas que se inserem em um dos grupos do Godllywood. Estas meninas e mulheres têm acesso ao transcendental mediado por um comportamento específico, que se expressa em práticas corporais estéticas, tanto na sua vida cotidiana quanto nos momentos determinados de evocar o sagrado.

A mediação entre estas mulheres e o divino é feita por uma estética e um comportamento apresentado como glamouroso. É isto o que as distingue das outras mulheres como “mulheres de Deus”. A própria Igreja Universal do Reino de Deus coloca isso quando decide que as meninas que queiram “fazer a obra de Deus no altar”, ou seja, tornar-se esposas de pastores, só serão consideradas se tiverem feito parte do Godllywood. Para ser uma integrante do Godllywood não é necessário ser ou objetivar torna-se esposa de pastor, mas, desde a criação do grupo, a participação ao Godllywood é compulsória para casar-se com pastor.

Quando um homem e uma mulher decidem juntos “servir a Deus no altar”, o que também significa se tornar um representante da IURD, a direção desta tem que estar de acordo, e este casal tem que preencher certos pré-requisitos, que, no caso das mulheres, são ensinados pelo Godllywood. Em outras palavras, observa-se que tornar-se uma esposa de pastor é assumir uma carreira. Uma de nossas informantes mais próximas no Cenáculo da Fé (L., 16 anos) afirmava que queria “servir a Deus no altar” e por isso que o seu próximo passo seria se juntar ao Godllywood. É interessante constar que ela ainda não tinha nenhum pretendente, porém, assim como na trajetória da própria Cristiane Cardoso, ela queria casar com um homem de Deus e orava para isso.¹⁷

Arriscamos sugerir que a IURD domina o doméstico de forma competente – cozinhar bem, saber organizar uma casa e a vida dos filhos e do marido estão entre as qualidades necessárias a uma esposa de pastor. O cuidado de si mesma também passa a ser um dos requisitos que compõem o transcendental, as qualidades que fazem de uma mulher comum uma mulher de Deus. A sua candidatura a participar e compartilhar da liderança do marido no pastorado, *i.e.* nas coisas sagradas, depende de sua maestria nas coisas ditas vulgarmente como *comezinhas*.

O Godllywood ensina as meninas e mulheres que além de todos os deveres para consigo, para sua família e para Deus, que discutimos até aqui, ela também pode assumir uma carreira – seja ela religiosa ou secular – e ser bem-sucedida nela. Contudo, é afirmado que ela não pode usar a profissão como “desculpa” para não cumprir os deveres anteriores. Seria, perfeitamente possível, em sua lógica, conciliar todos eles. No que tange à carreira, do mesmo modo que alguns homens desejam se tornar pastores, existem mulheres que querem ser esposas de pastores, mesmo que não haja um pretendente à vista. Querer ser esposa de pastor é querer assumir a dedicação a “obra de Deus” como principal tarefa de sua vida, inclusive como a que garante seu sustento financeiro.

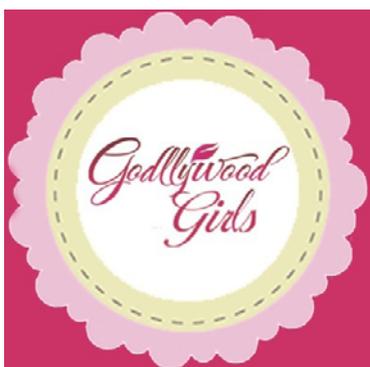
17 Como já discutido por outros autores (ver Campos, 2011), a carreira do pastor e o seu carisma estão diretamente ligados ao da sua esposa e de sua família. No caso da IURD parece importante destacar que se tornar esposa de pastor é entendido pelas meninas que aspiram a tal como “colocar a própria vida no altar”. A IURD possui um livro escrito por uma esposa sobre o assunto, Escolhida para o altar de Tânia Rubim (2011). Nele, a autora fala sobre como descobriu sua vocação e as dificuldades que uma esposa pode encontrar, como as constates transferências, e a possibilidade de dividir a casa com outras famílias quando isso acontece. A partir dele, e dos blogs já citados, é possível entender que, na carreira de esposa, a questão financeira está relacionada à atuação de seu marido e de sua família. O ordenado recebido por um pastor depende de ele ser pastor ou bispo, do lugar onde está atuando, se é casado ou não, se tem filhos ou não, etc.

FRONTEIRAS ENTRE O RELIGIOSO E O SECULAR

Berger (2000) já chamou atenção para o fato de que as pessoas estão em busca de movimentos religiosos que lhe ofereçam valores e verdades de um modo seguro, ou seja, que lhe afirmem certezas. A modernidade deixa em aberto as certezas, e esta é uma condição insegura que nem todos conseguem suportar. Assim, movimentos que prometem resguardar o que é verdade e o que é certo, mesmo que apoiados em uma visão transcendental que necessite da fé para que seja adquirida, contarão com adeptos.

O sucesso do Godllywood e da própria Cristiane Cardoso podem ser explicados nesses termos. A posição da mulher na sociedade atual é complexa e ambígua. Ela tem que exercer diversos papéis e o comportamento que é cobrado dela difere entre diversos grupos e instituições. As ideias que podemos encontrar no Godllywood, ou mesmo nos textos e programas de Cristiane Cardoso, pregam um modo de comportamento que não abre margens para dúvidas e que pode ser aplicado em todos os âmbitos da vida daquela mulher. A “mulher virtuosa” se dedica à obra de Deus, à sua família e à sua aparência. Ela não faz fofocas ou intrigas e caso tenha uma profissão se dedicará a ela para fazer o melhor que puder, mas sem diminuir sua dedicação aos anteriores.

Além disso, uma questão, já sinalizada anteriormente, nos surge. O Godllywood é um grupo criado dentro da Igreja Universal para meninas e mulheres que fazem parte desta igreja. Contudo, não é possível encontrar nenhuma identificação com uma denominação religiosa específica em seu *site* (como é possível constatar nos *banners* abaixo). Outro ponto é que o processo de seleção para ser membro do grupo pode envolver tarefas como arrumar o guarda-roupa, cozinhar para a família, ir às reuniões da igreja usando saia e salto alto. Estes são ensinamentos que também podemos encontrar nos livros e no *site* de Cristiane Cardoso. O que podemos perceber é que todas estas práticas estão no limite entre o religioso e o secular e entre o sagrado e o profano.





Suzan Harding propôs, em seu artigo “Revolve, the Biblezine”, o conceito de “transevangélico” para pensar onde se inseria a revista *Revolve*, uma Bíblia em formato de revista adolescente feminina, que trazia ensinamento bíblicos, mas também de comportamentos cotidianos. O conceito de “transevangélico”, assim como o de outros “trans”, propõe a liminaridade entre duas práticas, que passam a se interligar e complementar (Harding, 2009).

Contudo, ao utilizarmos as ideias de Harding para pensar o caso aqui discutido, preferimos o uso do termo “transreligioso”, pois as práticas aqui examinadas não se inserem ambigualmente apenas na categoria de evangélico. Os ensinamentos existentes no Godllywood, assim como o vinculado na mídia pela Cristiane Cardoso, são de práticas comezinhas, da vida cotidiana. Eles incluem a melhor forma de se vestir, de se maquiar, de decorar a casa. O formato dos livros desta líder e escritora são bastante similares aos livros de autoajuda escritos para mulheres não religiosas. Entretanto, todas estas práticas não apenas estão inseridas dentro de uma igreja, mas justificadas por uma ordem transcendental. Uma mulher deve ser “virtuosa”, pois existem exaltações a esta mulher na Bíblia – provérbios 31:10. Se, por um lado, como ser essa mulher está vinculado à interpretação da IURD e da própria Cristiane Cardoso – seu livro *Mulher V* traz os ensinamentos de como uma mulher deve agir para ser virtuosa –, por outro, esses ensinamentos são seguidos para glorificar a Deus.

Tendo em vista a importância das afirmações de Harding para o caso aqui estudado, parece ser necessário também discutir a própria categoria religião. Geertz (1989) entende religião basicamente como um sistema de símbolos sagrados tecidos de modo ordenado. Esse sistema age para criar disposições e motivações formadas através de conceitos sobre uma existência geral que parece factual. Ou seja, a religião adéqua as ações humanas a uma ordem metafísica,

projetando imagens desta ordem no plano da experiência humana, o que ocorre no cotidiano de cada povo. No caso das práticas efetuadas no *Godllywood* e para o público feminino da IURD, podemos ver que ações femininas cotidianas que são muitas vezes consideradas frívolas e comezinhas são adequadas para que sejam transmutadas e objetivadas no plano do divino.

Além disso, Geertz (1989) também nos mostra que os homens religiosos frequentemente se movem entre a perspectiva religiosa e a do senso comum, nunca estão pensando somente em termos religiosos. Assim, o crente não é aquele que está a todo o tempo praticando a sua crença, mas o que possui a capacidade de fazê-lo. Estes termos interessam aqui para explicar que a estética e o comportamento exaltados pelo grupo estudado estão muitas vezes dentro do que é pregado pelo senso comum e da percepção secular.

A mulher bonita, bem vestida, maquiada e penteada, que possui a capacidade de assumir cargos de importância em sua vida profissional e ainda assim cuidar bem da casa, dos filhos e do marido, é uma imagem encontrada em revistas femininas, programas televisivos e campanhas publicitárias e também é o ideal da mulher da IURD com o acréscimo de que ela faz tudo isso em seu relacionamento com o divino. Entre as entrevistadas, T. R.,¹⁸ afirma:

Eu tô na igreja há muito tempo e sempre segui todas as práticas, mas não fazia elas por Deus. Quando finalmente tive um encontro com Ele, senti uma coisa muito forte. Minha fé foi fortalecida e entendi o verdadeiro sentido de agir como e ser uma “mulher de Deus” (T.R., Cenáculo da Fé de Pernambuco).

18 Entrevista realizada em dezembro de 2011, não temos dados sobre a idade da informante.

Se estas ideias de Geertz possuem importância teórica neste ensaio, também invocamos aqui percepções de Talal Asad. Apesar de serem distintas e mesmo opostas, ambas contribuem com distintos pontos para esta análise.

Em *Genealogies of Religion*, Asad (1993) discute as origens históricas do termo religião e mostra como ele possui uma base ocidental apesar de ser empregado como conceito universal. Esta separação é normativa e não teria nada de transcultural ou trans-histórica. Além disso, nessa conceituação, o significado teria tomado o lugar dos processos através dos quais são construídos. Para Asad, ao fazer isso, Geertz, e qualquer outro estudioso que incorra no mesmo erro, está assumindo uma perspectiva teológica que não consegue pensar distintos grupos. Ela é o que Asad chama de “visão modesta”, pois diminui a religião apenas a posição que lhe foi permitida na sociedade pós-iluminista, de crença individual. Ela é produto do mundo ocidental e de sua história pós-reforma, que acusa qualquer outro de atrasado ou de usar a religião como disfarce para o poder (Asad, 1997).

No lugar de ver a religião como um sistema cultural exterior aos indivíduos,

Asad e outros autores como Mahmood (2005) exploram a religião através de exercícios de disciplina e práticas de reflexão que produzem sujeitos éticos (Fassin, 2012). Segundo esta tradição, elementos como corpo, *self* e moral são construídos na prática, através de ações que são cumulativas na constituição do agente. Aqui, mesmo ações não bem-sucedidas em seu objetivo primeiro são cumulativas no processo de constituição do *self* (Asad, 1993; Mauss, 2003; Mahmood, 2005). Essas ideias nos são importantes, pois no Godllywood é possível ver que, mais que um sistema simbólico exterior aos indivíduos, seus ensinamentos são interiorizados pelo exercício e treino das suas práticas.

A percepção de Asad da distinção entre secular e religioso como produto da modernidade também nos é cara, pois possibilita o exame das práticas aqui analisadas não apenas como uma inversão do que seria comum na contemporaneidade, mas como uma negação da secularização como um dado empírico e inquestionável. Como nos mostram Berger e Zijderveld (2012), não é por que as pessoas têm a oportunidade de fazerem escolhas seculares que elas não optarão por escolhas religiosas. Assim, no grupo aqui analisado, práticas que são entendidas como não religiosas dentro da percepção moderna ocidental – como o cuidado com o corpo, com a casa, a escolha de um parceiro para o casamento, e no caso da IURD em geral a escolha dos candidatos políticos durante as eleições – são colocadas dentro do espectro do que agrada a Deus e se efetivam como transreligiosas.

CONCLUSÃO

A análise do Godllywood de Cristiane Cardoso aqui realizada aponta para a existência de novas formas do fazer religioso. Além disso, as práticas pregadas dentro do Godllywood e exemplificadas pelas esposas de pastor mostram ambiguidade no que tange ao que é religioso e o que não é. As atribuições das “esposas” vão desde o atendimento às fiéis, ao cuidado com a limpeza da casa e da igreja e com a própria higiene e aparência – ou seja desde tarefas que claramente administram o sagrado até aquelas vistas como mezinhas e da vida cotidiana que também são aqui sacralizadas. Contudo sua posição e suas tarefas são colocadas como tão glamourosas – ou até mesmo mais – quanto àquela das “artistas de Hollywood”. Estas mulheres, dentro de seu grupo religioso, são as verdadeiras mulheres admiráveis. Essa glamourização chega até as tarefas domésticas, que se tornam práticas de grande importância inclusive no contato com o divino (Meyer, 2010). De forma diferente de muitas feministas, não é através da negação e ou abandono pelas mulheres do espaço doméstico, ou mesmo do compartilhamento do espaço doméstico com os homens, que as iurdianas se empoderam, mas a partir do doméstico e do seu domínio exemplar. É assim que a ideia de submissão ao homem parece

sofrer inflexões distintas daquelas da visão feminista. Uma esposa de pastor personifica a possibilidade de liderança religiosa das mulheres no meio cristão e pentecostal, um espaço em que a possibilidade de liderança, na maioria das vezes, é restrita aos homens. Trata-se de uma carreira institucional, porém paralela à masculina, sem concorrer com esta. Este é um dado fundamental, pois, apesar da grande visibilidade assumida pelas esposas de pastores, e da ampla influência de Cristiane Cardoso sobre os fiéis da IURD, as mulheres não concorrem diretamente com os homens para assumir o posto de pastor.

Depois de alguns anos, a IURD passou a restringir apenas às meninas e mulheres que fazem parte do Godllywood a possibilidade de se tornarem esposas de pastor – processo similar ao que sempre ocorreu com os rapazes que queriam se tornar pastores que participam de um processo de aprendizado e prática até se tornarem pastores de fato. Com esta atitude, a Igreja Universal do Reino de Deus passa a possuir o estrito controle daqueles que se tornarão seus representantes. Agora não basta selecionar aquelas mulheres que, como esposas de pastor, mostram o comportamento ideal para a fiel da IURD, também é necessário ensinar este comportamento. No entanto, é importante lembrar que esta “pedagogia”¹⁹ não chega apenas às aspirantes a esposa de pastor, e sim a todas as meninas e mulheres fiéis da IURD através dos livros e programas de televisão e rádio de Cristiane Cardoso.

19 Ver Teixeira (2014).

Todas estas características mostram uma mudança na percepção anterior da mulher pentecostal. Marion Aubrée (2014) elabora um breve relato do lugar da mulher pentecostal em sua denominação e na sociedade brasileira nos últimos quarenta anos. Ela nos mostra que, no pentecostalismo clássico, a atitude humilde e de observância ética destinava ao corpo da mulher a maior parte das proibições negando a elas o uso do anticoncepcional, da maquiagem e das roupas que “modelavam o corpo”. Nesse quadro, a relação homem/mulher parecia seguir os moldes machistas ligados à cultura rural ancestral. Por outro lado, Aubrée também percebe atualmente, e coloca como exemplo a bispa Sônia Hernandez da Igreja Renascer, o crescimento do que Maddox (2012) chama de “*walking evangelistic billboard*”. Esta mulher evangélica que cuida do seu corpo e estilo transformando a si mesma em uma propaganda da vida com Jesus. De modo semelhante Ricardo Mariano (1999) também percebe uma expansão do acesso das mulheres ao pastorado através da linha gospel que tem entre seus principais representantes mulheres. Estes dados mostram que o caso do Godllywood se insere em um novo quadro de posição das mulheres no pentecostalismo no Brasil e no mundo.

Os métodos e práticas do Godllywood têm se tornado cada vez mais amplamente aceitos pelas fiéis da IURD – e mesmo por um grupo fora da igreja que tem acessado os sites, livros, desafios e o *Godllywood autoajuda*, que tem como público justamente estas mulheres que não são da IURD. As dúvidas e dilemas postos à mulher contemporânea, que se vê entre os valores do patriarcalismo, tão marcante

em nossa sociedade, e os ideais feministas, é eliminada pelas práticas pregadas pela IURD através da sua principal líder feminina, Cristiane Cardoso. A certeza de como uma mulher deve agir e ser em sua vida cotidiana é transmitida através de uma concepção ligada ao desejo divino. Mesmo as sugestões de práticas ligadas à estética são encaradas como conselhos vindos de uma “mulher de Deus” que, como tal, é “inspirada pelo Espírito Santo”. Por isso que a ideia de “transreligioso” nos parece tão importante para entender estas práticas. Elas estão frequentemente na fronteira que separa o sagrado e o profano, o religioso e o “comezinho” da vida cotidiana. Constantemente, podemos enxergar no caso aqui analisado, o transcendental explicando o que é muitas vezes visto como de ordem banal e, também, práticas tidas como desta mesma ordem “valorizando” o transcendental.

Roberta Bivar Carneiro Campos é bolsista produtividade CNPq, professora do Departamento de Antropologia e Museologia e do Programa de Pós-Graduação da UFPE. É ainda vice-líder do Grupo de Estudos sobre Cristianismo (UERJ) e coordenadora do Observatório de Cultura, Religiosidades e Emoções (PPGA-UFPE).

Alana Souza é Mestre em Antropologia pelo PPGA da UFPE e doutoranda pela mesma instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASAD, Talal

1993 *Genealogies of Religion: Discipline and Reason of Power in Christianity and Islam*. Londres, John Hopkins University Press

1997 “Remarks on the Anthropology of the Body.” In COAKLEY, Sarah (org.). *Religion and the Body*. Cambridge, Cambridge University Press.

AUBRÉE, Marion

2014 “Brasil: as mulheres pentecostais entre combate e libertação”. *Antropológicas*, Recife, ano 18, v. 25 (1): 167-194.

BERGER, Peter

2000 “A dessecularização do mundo: uma visão global”. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 21, v.1: 9-24.

BERGER, Peter e ZIJDERVELD, Anton

2012 *Em favor da dúvida: como ter convicções sem ser um fanático*. Rio de Janeiro, Elsevier.

BIRMAN, Patrícia

1996 “Mediações femininas e identidades pentecostais”.
Cadernos Pagu, Campinas, n.6-7: 201-226.

BOURDIEU, Pierre

2007 *A economia das trocas simbólicas*. Tradução: Sergio Miceli. São Paulo, Editora Perspectiva.

BRUSCO, Elizabeth

1995 *The Reformation of Machismo*. Austin, Univesity of Texas Press.

CAMPOS, Roberta Bivar C.

1995 *Emoção, magia, ética e racionalização: as múltiplas faces da Igreja Universal do Reino de Deus*. Recife, dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

2011 “O profeta, a palavra e a circulação do carisma pentecostal”.
Revista de Antropologia, São Paulo, v.54, n.2.

2013 *Quando a tristeza é bela: o sofrimento e a constituição do social e da verdade entre os Ave de Jesus*. Recife, Ed. Universitária da UFPE.

CARDOSO, Cristiane

2011 *Melhor do que comprar sapatos*. Rio de Janeiro, Unipro editora.

CSORDAS, Thomas

2004 “Asymptote of the Ineffable: Embodiement, Alterity and the Theory of Religion”. *Current Anthropology*, v.45, n2: 163 -185.

FASSIN, Didier

2012 “Towards a Critical Moral Anthropology”. In _____ (org.). *A Companion to Moral Anthrhopology*. Hoboken, Wiley-Blackwell.

FERRAZ, C.

2015 “Na Igreja somos um só corpo”: a liderança e a mediação da mulher na igreja pentecostal. Recife, monografia de conclusão de curso, UFPE.

GEERTZ, Clifford

1989 *A interpretação das culturas*. São Paulo, Editora LTC.

1997 “Centros, reis e carisma: reflexões sobre o simbolismo no poder. In _____. *O saber local*. Petrópolis, Editora Vozes.

HARDING, Suzan

2009 “Revolve, the Biblezine”. In BIELO, James (org.). *The Social Life of Scriptures: Cross-Cultural Perspective on Biblicalism*. New Brunswick, Rutgers University Press.

MACHADO, Maria das Dores

2005 “Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais”. *Estudos Feministas*, n13, v.2: 387-396.

MAFRA, Clara

2000 “Relatos compartilhados: experiências de conversão ao pentecostalismo entre brasileiros e portugueses”. *Revista Mana*, v.6, n.1: 57-86.

MAFRA, Clara; SWATOWISKI, Claudia e SAMPAIO, Camila

2012 “O projeto pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos?”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.27: 81-96.

MADDOX, Marion

2012 “Saved by Shopping: A Feminine Ethics of Conspicuous Consumption in a Australian-Based Global Megachurch”. Trabalho apresentado no colóquio do GSRL “*Gênre et Pentecôtisme*”, Paris.

MAGALHÃES FILHO, J.

2007 “Mulher pentecostal: entre a vida religiosa e a realidade social”. *Anais da X REA*, Aracaju, UFPE. Disponível em: <http://jrmf.pro.br/REA2007.pdf>.

MAHMOOD, Saba

2005 *Politics of Piety: The Islamical Revival and the Feminist Subject*. Princeton, Princeton University Press.

MARIANO, Ricardo

1999 *Neo-pentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Editora Loyola.

MARIZ, Cecília L. e MACHADO, Maria das Dores Campos

1994 “Pentecostalismo e a redefinição do feminino”.

Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, n.17.

MAUSS, Marcel

2003 “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades

arcaicas”. In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, Cosac Naify.

MEYER, Birgit

2010 *Aesthetics of Persuasion: Global Christianity and Pentecostalism's*

Sensational Forms. Durham, Duke University Press.

ORO, Ari Pedro

2003 “Igreja Universal: um poder político”. In CORTEN, André; DOZON,

Jean-Pierre e ORO, Ari Pedro (orgs.). *Igreja Universal do Reino de*

Deus: os novos conquistadores da fé. São Paulo, editora Paulinas,

2009 “Transnacionalização religiosa no Cone-Sul: uma comparação entre

pentecostais e afro-religiosos”. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano10, n.16.

ROBBINS, Joel

2011 “Transcendência e antropologia do cristianismo: linguagem,

mudança e individualismo”. *Religião e Sociedade*, n.31, v.1: 11-31.

SIMMEL, George

2010 *Religião: volume 1*. São Paulo, Editora Olho D'Água.

SOUZA, Alana

2013 *Transreligiosidade, gênero e liderança carismática: Cristiane Cardoso e o*

Godllywood na IURD. Recife, monografia de conclusão de curso, UFPE.

TAVOLARO, Douglas

2007 *O bispo: a história revelada de Edir Macedo*. São Paulo, editora Lafonte.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes

2012 *Da controvérsia às práticas: conjugalidade, corpo e prosperidade*

como razões pedagógicas na Igreja Universal. São Paulo,

dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.

2014 “Mídia e Performance de Gênero na Igreja Universal”.

Religião e Sociedade, n.34, v.2: 232-256.

TOLEDO-FRANCISCO, C.

2002 *Passagens híbridas: relações de gênero e pentecostalismo*. São Paulo,
dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.

Cristiane Cardoso’s Godllywood: An Etnography of “Tranreligiosity”

ABSTRACT

Cristiane Cardoso, daughter of Bishop Edir Macedo from Universal Church of The Kingdom of God (UCKG), founded and leads a international project so called Godllywood which purpose is to teach girls and woman to behavior in their everyday life according to” God’s principles”. Analyzing this project based on its founder writings and in a material of an ethnography research accomplished in a UCKG’s temple in Recife, this paper debates female leadership role and also of the woman in Pentecostalism and, using the “transreligiosity” notion, indicates a difficult delimitation between the religious and the secular and between the public and the private.

KEYWORDS

Pentecostalism,
Female Charismatic
Leadership,
Transreligiosity,
Godllywood,
Secularisms.

Recebido em 5 de fevereiro de 2016. Aceito em 30 de março de 2017.